

“Ma’a As’salama”: refugiados sírios em Fortaleza

THAYNÁ HOLANDA MAGALHÃES DIÓGENES QUEIROZ

WENDELL DE FREITAS BARBOSA

RESUMO: A partir das experiências de dois refugiados sírios que buscaram proteção legal na cidade de Fortaleza, o artigo analisa os conflitos e as percepções desses atores ao sofrimento social antes, durante e após o empreendimento de refúgio. O objetivo da reflexão é a compreensão dos processos identitários de refugiados e da categoria refúgio, em perspectiva sociológica. Espera-se, assim, contribuir com o debate científico e o aprimoramento das políticas públicas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Refugiados. Migração. Fronteiras. Estado-Nação. Brasil.



“Ma’a As’salama”: syrian refugees in Fortaleza

ABSTRACT: Based on the experiences of two Syrian refugees who sought legal protection in the city of Fortaleza, this paper seeks to analyze the conflicts and perceptions of these actors regarding social suffering before, during, and after the refugee venture. The aim of the article is to understand the identity processes of refugees and the category of refuge, from a sociological perspective. Therefore, it is expected to contribute to the scientific debate and improve public policies on the subject.

KEYWORDS: Refugees. Migration. Borders. Nation-State. Brazil.

**THAYNÁ HOLANDA MAGALHÃES
DIÓGENES QUEIROZ**

Bacharela em Ciências Sociais e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).
E-mail: thaynadiogenes7@gmail.com

WENDELL DE FREITAS BARBOSA

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor adjunto II da URCA.
E-mail: wendell.barbosa@ufca.edu.br

RECEBIDO: 16/02/2022

APROVADO: 29/07/2022

1 Introdução¹

Conforme dados fornecidos pela Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) referentes ao ano de 2020, os números de refugiados na atualidade extrapolaram até mesmo os percentuais atingidos durante a segunda guerra mundial (OPERATIONAL..., 2021). De acordo com Paiva (2006), as cifras de deslocamento humanos durante a 2ª Guerra Mundial podem ter gerado até 70 milhões de pessoas em fuga. Até o final de 2020, o relatório indica a superação de mais de 80 milhões de deslocamentos forçados no contexto global. O tema tem ganhado destaque à medida que muitos desses sujeitos tentam acessar as fronteiras de outros países e têm se tornado frequentes os noticiários que divulgam naufrágios, em tentativas de acesso à Europa, em travessias pelo Mar Mediterrâneo. Muitas dessas imagens têm chegado aos meios de comunicação, como por exemplo, o caso do menino Aylan Kurdi, de 3 anos de idade, morto na praia da ilha de Kos, na Grécia, depois do naufrágio de um barco que levava refugiados (FIQUEI..., 2015).

No Brasil, até o final do ano de 2020, já foram feitas 28.899 solicitações da condição de refúgio, existindo 57.099 pessoas refugiadas reconhecidas. Os refugiados sírios contabilizam o segundo maior número de reconhecimentos dentro do território brasileiro (CAVALCANTI *et al.*, 2021). A nação brasileira, além de prestar obediência à Convenção de 1951 e ao Protocolo de 1967, que definem um rol protetivo aos refugiados, possui previsão constitucional e lei interna, a Lei de Migração 13.445/2017, que regula tal demanda. No entanto, é também importante trabalhar sociologicamente a categoria de refúgio, evocando os processos que estes sujeitos experienciam nos seus empreendimentos por refúgio na

1 *Ma'a As'salama

"Ma'a As'salama" é uma expressão de origem árabe utilizada em contextos de despedida e de difícil tradução. Essa expressão, segundo nossos interlocutores, carrega consigo a conotação parecida com a expressão "vá em paz" utilizada na língua portuguesa. A expressão foi apontada por um de nossos interlocutores de pesquisa como algo que marcou profundamente o seu processo de refúgio

"Ma'a As'salama" is an expression of Arabic origin used in farewell contexts and difficult to translate. This expression, according to our interlocutors, carries with it the connotation similar to the expression "going in peace" used in the Portuguese language. It was pointed out by one of our research interlocutors as something that profoundly marked his asylum process.

cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, a partir da análise de conflitos estruturais, linguísticos, de estigma e desigualdade social experimentados por essas pessoas.

O presente trabalho pretende descrever e analisar as relações de conflito e poder a partir da compreensão dos processos identitários de refugiados sírios na cidade de Fortaleza. Nesse sentido, a pesquisa investiga como se dá o processo de refúgio, reconstituindo os sentidos e as experiências de refugiados sírios na capital cearense. São analisados as dificuldades e o modo como os refugiados podem lidar com o novo contexto social. Dessa forma, as seguintes questões constituem o cerne central da análise: Quais os conflitos surgidos das relações identitárias de refugiados sírios presentes em Fortaleza? Quais as experiências dos refugiados sírios com os mecanismos de apoio legal e governamental na cidade?

A pesquisa de campo teve dois intervalos de realização, o primeiro entre agosto e dezembro de 2018 e o segundo, no período de janeiro a fevereiro de 2020. O trabalho de campo foi realizado presencialmente e através de canais de comunicação pela internet com dois refugiados sírios, que residem em Fortaleza: Malek e Halef,² o primeiro se encontra em Fortaleza desde 2014 e o segundo, desde 2018. O estudo se embasou em observação participante e na condução de entrevistas semiestruturadas realizadas no total de cinco momentos. As observações, entrevistas e conversações aconteceram em lugares diferentes — ora em residências, ora em local de trabalho — e teve o objetivo de captar, a partir dos relatos dos interlocutores, as experiências de refúgio desses sujeitos.

Através do aplicativo *WhatsApp*, realizaram-se interações virtuais e envio de imagens pessoais do contexto de guerra e da trajetória de Halef. Essas conversações estabeleceram elos de confiança que possibilitaram as entrevistas presenciais em sua residência, onde estavam presentes sua esposa, mãe e filhos, que também participaram das entrevistas. Através da rede social *Facebook* e posteriormente pelo *WhatsApp*, foram estabelecidas as primeiras conversações com Halef; logo depois, pessoalmente, em sua casa e local de trabalho, pode-se dar continuidade à interação para o aprofundamento da pesquisa e a realização das entrevistas.

2 Os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade dos interlocutores.

Ambos os interlocutores atuavam em um estabelecimento de *food truck* de comida Árabe; Halef era o proprietário e Malek, o cozinheiro. O local onde aconteceu parte das entrevistas era o espaço gastronômico composto por diversos *food trucks*, em um bairro de classe média alta de Fortaleza. Foi produzido um diário de campo com o objetivo de registrar as capturas de possíveis relações e conexões não alcançadas durante as entrevistas, como por exemplo, formas de apoio entre migrantes sírios, através dos frequentadores do local, que até então se sustentavam como hipóteses de pesquisa.

Como fonte de dados da pesquisa documental, foram utilizados dados fornecidos pelo site da Organização das Nações Unidas (ONU), do Alto comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Além disso, realizou-se pesquisa em canais de comunicação que basearam o cenário quantitativo da pesquisa, dimensionando números, contingentes populacionais e proporcionando a verificação dados.

Esse trabalho está estruturado nas seguintes seções: a primeira explana os empreendimentos de refúgio dos dois interlocutores da pesquisa, bem como suas relações com os Estados-Nação e suas fronteiras territoriais; a segunda seção, as relações de conflito que esses sujeitos enfrentam depois transpassaram os perímetros territoriais e se tornarem refugiados; e a terceira expõe as principais conclusões do estudo. É digno de nota que, no decorrer da análise, identificam-se processos de “recomeço” no Brasil e os desafios de refúgio ao adentrarem nas estruturas sociais de outra nação, transpassando estigmas, desafios no mercado de trabalho e linguagem, além de transformações e permanências identitárias diante do processo do choque entre culturas.

2 Fronteiras: os indesejáveis

Como observara Georg Simmel (1983), ainda no século XIX, a formação de uma comunidade não deriva apenas da sua unidade espacial e geográfica, mas se baseia em relações simbólicas que permeiam as relações sociais do grupo social. Sob essa ótica, a relação de “pertencimento” assume um caráter que é construído por meio das relações sociais, psíquicas e políticas de determinada sociedade e não se dá intrinsecamente por sua delimitação

espacial. Do ponto de vista desta análise, ao tratar o fenômeno da territorialidade, levam-se em consideração as mediações simbólicas que produzem a unidade social simmeliana, bem como suas implicações para uma chave de leitura das experiências de sujeitos refugiados na cidade de Fortaleza.

Aproveitando a concepção de sociedade de Simmel (1983), que interpreta o curso da vida social como processo de troca constante nas interações sociais e nas formas de conflito, a figura do sujeito em situação de refúgio é muitas vezes identificada como destoante, desencaixada e fluída diante dessas concepções sociais de grupo em torno da “unidade social”. Assim como o “estrangeiro”, o refugiado adentra as relações sociais de um novo universo simbólico de forma assimétrica, caminhando num campo espinhoso, repleto de hostilidades e dificuldades. Contudo, é justamente essa assimetria que o coloca em uma posição capaz de alterar o fluxo regular do curso da vida social da sua nova comunidade, que não seria alterado sem a diferença provocada pela sua chegada. A partir das experiências relatadas por Malek, pode-se imergir descritivamente nesse processo.

Malek tem 35 anos de idade, é casado e pai de dois filhos. Sua esposa, também síria, e os filhos ficaram no país com a avó paterna, à espera que fosse viável constituir melhores condições para recebê-los em algum local de refúgio, que seria buscado por Malek. Só foi possível a ele revê-los somente três anos depois no Brasil, onde atualmente também estão como refugiados. Na Síria, Malek trabalhava com gastronomia, antes do cerco promovido pelo governo se intensificar sobre a Ghuta Oriental³ em abril de 2013, cidade onde residia. Ali acabou perdendo o seu apartamento em meio a um bombardeio.

Ghuta Oriental, durante os anos de 2013 a 2018, era uma área marcada pelo confronto constante de milícias opositoras contra o governo de Bashar al-Assad. Malek ressalta a presença de policiais para revista da população e relata o medo rotineiro de ataques. Por ser um enclave rebelde, a cidade era uma zona de intenso

3 Ghuta Oriental é uma região agrícola localizada no subúrbio de Damasco, capital da Síria, reconhecida como um enclave rebelde e alvo de forças pró-Assad. Nas palavras do secretário-geral das Nações Unidas, Ghouta Oriental é o inferno na terra (cf. SCHOSSLER, 2018).

confronto e foi durante um bombardeio que Malek perdeu sua residência. Ele explica que, com a cidade sitiada, não existia mais escola para os filhos, os trabalhos cessaram, o desemprego se alastrou, empregadores saíram da cidade e os comerciantes fecharam as portas, sendo necessária a busca por um local de refúgio.

Em seus relatos sobre sua primeira tentativa, quando fugiu de seu país de origem através do Mar Mediterrâneo em um barco clandestino rumo à Europa, Malek descreve inúmeras pessoas amontoadas, passando fome e sede e sofrendo com a insolação e com limitações de higiene. É marcante em sua memória o sofrimento experimentado pelas crianças com o frio. Apesar de a travessia ter sido concluída, Malek foi barrado junto com os outros refugiados sírios na fronteira da Grécia, quando sofreram uma violenta abordagem policial que culminou na sua deportação. As tentativas de entrada na Europa foram quatro, que resultaram na sua expulsão para a fronteira da Turquia.

A ideia de nação e pertencimento são fundamentais para compreensão da formação da identidade, dos seus limites e das exclusões, pois essas categorias dialogam com as relações fronteiriças em suas mais diversas conotações. Os processos vividos por Malek se relacionam a tentativas de rompimento de fronteiras físicas, políticas e identitárias, trazendo a compreensão de que os refugiados, ao tentarem adentrar outros Estados-Nação, avançam perímetros relativos ao poder e às suas formas de separações étnicas (FENTON, 2003).

Domingos Neto e Martins (2018, p. 14) compreendem que o Estado é o principal promotor daquilo que é muitas vezes designado como “sentimento nacional”, mas não o único. Os processos constitutivos desse sentimento refletem a disputa entre os variados interesses presentes na comunidade nacional. O conflito deve ser encarado na trajetória de refugiados como uma dimensão relacional que é a chave para adentrar os sentidos e sofrimentos experimentados nessa condição. Halef, outro interlocutor desta pesquisa, empreendeu um percurso bem diferente de Malek, sem que isso signifique menos percalços e dificuldades.

Halef, com 25 anos e solteiro, vivia em Damasco, capital da Síria. Ele morava sozinho e estudava Economia e Comércio

Exterior. Pela sua condição, teria que obrigatoriamente se alistar no exército sírio, o que implicaria, muito provavelmente, estar na linha de frente da zona de guerra. Seu desejo era entrar em um novo país legalmente, então, pesquisou sobre muitos lugares e escolheu vir para o Brasil. Achava que seria mais fácil conseguir o visto para permanecer no Brasil, pois já possuía um primo que morava em Fortaleza. Sendo assim, viajou para o Líbano para solicitar seu visto de turismo na embaixada. Após uma primeira negativa na obtenção do documento, conseguiu o esperado visto. Dois dias após a obtenção do visto, conseguiu sua permissão para entrar no país; no mesmo mês, comprou sua passagem e viajou. Ao chegar no Brasil, solicitou o refúgio. A condição de refugiado coloca Malek diante dos perímetros de limitação simbólica do seu novo lar e a sua inserção social implica lidar com fronteiras culturais a serem enfrentadas. Essas barreiras estão implicadas por questões de alteridade marcadas fortemente pelo estigma social, mas também pela capacidade de adaptação e de criatividade desses sujeitos.

Ser um refugiado, além disso, implica a necessidade constante da justificativa da sua presença. Essa relação se direciona ao Estado e a conquista da permissão de sua entrada e permanência. A conquista de um visto ou permissão de refúgio se apresenta como um momento desafiador. Nos relatos de Malek e Halef, esse processo é relatado como aterrorizador, pois está no limiar das suas questões existenciais mais concretas. Halef relata como sendo uma das suas principais angústias o que fazer caso não consiga o visto. Todo o processo de refúgio é profundamente marcado pela incerteza; e o sofrimento humano gerado por essas expectativas e desafios da chegada a um novo país.

As experiências de fronteira vividas por Malek, em suas diversas tentativas de entrada na Europa, fizeram com que ele experimentasse o sentimento de “repúdio à sua existência” (Malek, em entrevista de 20 de setembro de 2018), quando na busca pela sua sobrevivência, recebera violência e rejeição. Na fronteira da Grécia, Malek relata o contraste da sua esperança de salvação com as formas de humilhação e sofrimento a que foi submetido. Sentiu-se ultrajado, relata ter passado fome, além de sofrer violência física

e psicológica. No momento mais crítico, teve apontada uma arma para sua cabeça e foi para a prisão. Ali, ficou 3 dias encarcerado, com acesso restrito a alimentação e água, antes da deportação.

Para Simmel (1983), existe um perímetro de separação que não se limita ou se estabelece somente em relações de espaço, de chão ou terra, mas através de uma zona comum de influência, ou moldura, onde o Estado opera. Para exemplificar, o autor utiliza como metáfora o tempo, “processos atribuídos ao poder do tempo, não podem transcender fora do tempo” (SIMMEL, 2013, p. 75) comparando-se isso às limitações espaciais, como marcas que delimitam configurações mais complexas e políticas. Assim, as limitações terrestres assumem circunscrições relativas à soberania e ação dos Estados-nação, que não podem operar fora delas. Halef exemplifica essa relação ao narrar sobre seu processo de pedido de entrada como turista no Brasil, ao sair da Síria para Beirute, no Líbano, onde fica a embaixada brasileira: “Viajei para o Líbano para conseguir o visto para o Brasil, mas ele foi negado” (Halef em entrevista de 20 de setembro de 2018) Seu plano era solicitar refúgio ao chegar ao aeroporto brasileiro. Explica que, em alguns meses, ao concluir a faculdade em sua terra natal, seria obrigado a servir ao exército sírio e, por isso, teria que achar um local de refúgio o mais depressa possível. Damasco, sua cidade, era palco de intensos conflitos, mas ainda reunia condições de subsistência. Para Halef, o alistamento obrigatório era sua maior ameaça, pois colocaria sua vida em risco iminente. A negação diante dos casos de Malek e Halef exemplifica como os Estados empreendem relações biopolíticas, ou seja, exercem domínio sobre vidas e suas condições de existência (BAZZICALUPO, 2016).

A soberania é tida como um princípio vinculado ao poder do Estado, capacitando-os a exercer controle, a negar ou autorizar o privilégio de pertencimento à sua comunidade. De acordo com Di Cesare (2020), a entidade Estado-nação é importante para compreensão do fluxo de refugiados, pois o poder do Estado se apresenta como uma entidade natural, quase eterna, e o migrante como um desvio a ser abolido, lembrando ao Estado seu desenvolvimento histórico.

As expulsões de Malek, em suas quatro tentativas de entrada na Europa, e a negação do visto brasileiro a Halef, em sua primeira tentativa, exprimem os limites relativos à possibilidade de pertencimento e a condição imperativa da diferença. Essas experiências revelam como operam os mecanismos de classificação de “identidades”, tanto do ponto de vista macroestrutural, quando se olha pelo ângulo da burocracia e do funcionamento dos Estados nacionais para aceitar ou recusar o pedido de refúgio, quanto depois, nas relações cotidianas quando essa condição se acirra no curso das relações sociais construídas pelo refugiado em seu novo território. Os perímetros de separação, portanto, não só delimitam espaços físicos, como também os vistos rotulam os desejados e não desejados (BAUMAN, 2016).

Para Malek, a Europa seria um local que proporcionaria segurança como local de refúgio e poderia oferecer melhores condições sociais e econômicas para desenvolvimento seu e de sua família. No entanto, veio para o Brasil ao sofrer a resistência narrada e descobrir que a nação brasileira poderia recepcioná-lo. Halef, por sua vez, destaca a escolha de não ir para Europa por já saber do sofrimento implícito a esse processo. Ele, então, resolveu empreender seus esforços em um país que fosse mais receptivo — foi nesse sentido que sua primeira opção foi o Brasil. Ao contar sua história, ele destaca conquistas após sua chegada a Fortaleza, como a conclusão do curso de graduação em Economia pela Universidade de Fortaleza e a abertura de seu próprio negócio, um restaurante adaptado, localizado em bairro nobre de Fortaleza, em um espaço gastronômico com diversos outros negócios de *food truck*. O estabelecimento é caracterizado por certa informalidade, com mesas ao ar livre, e é frequentado pela classe média e alta de Fortaleza. Nesse local, o carro de comida de Halef se destaca, devido às letras em árabe escritas no *food truck* e pelo fato de, ao passar pelo local, ser fácil escutar conversas em árabe com seu único empregado, Malek.

As histórias de Malek e Halef demonstram trajetórias bastante diferentes. Existe uma desigualdade material e simbólica pré-existente, envolvendo as origens sociais, o alcance financeiro e a formação educacional de cada um. Essa desigualdade no país de origem gera diferentes cenários de tentativas de refúgio,

possibilitando ou impossibilitando tipos de empreendimentos por refúgio. Tudo se passa como se ocorresse a reprodução dessas desigualdades nas circunstâncias práticas de refúgio a que esses sujeitos podem recorrer. Observa-se claramente a condição privilegiada de Halef em relação a Malek, durante e após o sucesso com a concessão do refúgio em solo brasileiro.

Não se pode ignorar, em contrapartida, como as estruturas sociais brasileiras os colocam em desafios únicos e intrínsecos à sociedade. Transpassar os limites territoriais compõe o primeiro passo; logo depois, se inserir no novo território é o principal desafio. O aprendizado de novos valores culturais, a aquisição de nova linguagem e tentativas de acessar o mercado de trabalho se constituem enquanto processos extremamente dificultosos para esses sujeitos, constituindo-se como novas fronteiras a serem transpassadas no novo território. Do ponto de vista do empreendimento do refúgio, serão essas novas fronteiras que definirão as possibilidades e impossibilidades de êxito na inserção de refugiados (QUEIROZ, 2020)

A trajetória de Malek foi possível mediante a obtenção de informações de outros sírios que procuravam refúgio na Europa, através de quem soube que o Brasil recebia refugiados. Diante das dificuldades encontradas nas tentativas de entrada na Europa, resolveu tentar refúgio no Brasil, apesar de não conhecer ninguém que estivesse em solo brasileiro. Malek chega inicialmente à cidade de São Paulo e, em suas buscas por emprego, soube da busca de Halef por um cozinheiro para seu negócio e conseguiu o emprego na cidade de Fortaleza.

As trocas de contatos entre sírios refugiados permitem o compartilhamento de informações ligadas a táticas de sobrevivência. Esses processos não existem de forma institucionalizada. São conhecimentos autônomos apreendidos e passados, à medida que se conhecem e estabelecem contatos em comunidades virtuais de sírios espalhados pelo Brasil e em outros países. Como observa Simmel (1983), a formação de uma comunidade não se dá puramente na unidade geográfica, mas deriva dos empreendimentos psíquicos e sociais, ou seja, das relações estabelecidas sobre o que é ser ou não ser parte de um grupo. O processo psicossocial compreendido por Simmel (1983) se manifesta pelo reagrupamento

dos sujeitos, que tecem relações à medida que a busca por informações se torna necessária para sobrevivência. Nesse sentido, correlações de agrupamentos são constituídos por similaridades de língua, nacionalidade ou cultura, que se formam dentro de outro espaço. Assim, Malek e Halef se reconstituem enquanto grupos, através de suas similaridades conectadas por táticas de sobrevivência.

As histórias vividas pelos refugiados transpassam diferentes contextos e têm consequências diferentes. Halef cita amigos que não tiveram êxito ao tentarem refúgio no Brasil, pois as problemáticas sociais aqui existentes fizeram obliterarem suas tentativas de recomeço. As questões sociais brasileiras são o maior entrave a ser superado pelos refugiados que aqui chegam.

Um estudo do Banco Mundial e da Agência das Nações Unidas para Refugiados, publicado em 2021, constatou que, no Brasil, migrantes e refugiados venezuelanos enfrentam diferente acesso à educação, mercado de trabalho formal e aos programas de proteção social. Através do relatório, demonstrou-se que esses sujeitos, por mais que tenham o mesmo nível de escolaridade que os brasileiros, têm 64% menos chances de trabalhar em empregos formais e, quando crianças, 53% menos chances de ir à escola. Um grupo com cerca de 40 refugiados, os indígenas da tribo Warao, viviam em condições sub-humanas nas ruas de Fortaleza, de acordo com a matéria do jornalista Germano Ribeiro no Jornal Diário do Nordeste (RIBEIRO, 2019). Assim como haitianos ou angolanos, “os estrangeiros não brancos são tratados como *raças perigosas*” (VULNERABILIDADE..., 2020, [s.p.]). Em agosto de 2015, por exemplo, haitianos sofreram um atentado, quando cinco pessoas foram atingidas por tiros de bala de chumbinho vindo de um carro, depois de saírem de um culto na cidade de São Paulo. De forma semelhante, três angolanos foram espancados por policiais militares no bairro do Brás, depois de terem sido chamados de “macacos” momentos antes por brasileiros e terem reagido (VULNERABILIDADE..., 2020).

Para Fernandes (2017), o Brasil, devido às consequências da escravidão, não alcançou uma verdadeira democracia, pois as diferenças de condições sociais, de raças e de classes impossibilitaram a igualdade. Os contextos de desigualdade social, racismo,

xenofobia, desemprego e outras mazelas sociais acabam também por agravar a conjuntura de refugiados presentes no território brasileiro. Nesse sentido, a experiência dentro do Brasil como refugiados reverbera conjunturas específicas, que sugerem complexidades de barreiras sociais experienciadas durante as trajetórias dos interlocutores. Avançar as fronteiras físicas, portanto, se constitui como o primeiro rompimento de um processo mais complexo, uma vez que, logo depois, as fronteiras sociais se estabelecem como um perímetro de separação, que, por vezes, reproduzem conflitos e/ou violências.

3 Fronteiras sociais

As experiências migratórias de refugiados, somada à compreensão sociológica sobre o conceito de fronteiras, iluminam, para além das questões unicamente territoriais, diversos significados políticos, identitários e simbólicos entre fluxos, hibridez e limites. O reposicionamento geográfico desses sujeitos coloca uma diversidade de elementos culturais no mesmo espaço. Nesse processo, os refugiados dão novos usos aos aspectos de suas vivências e histórias, compartilhando saberes, culturas e legados, que, em processos reconstitutivos voltados à sobrevivência desses sujeitos, reconfiguram os espaços que ocupam (HANNERZ, 1997).

Nas entrevistas, as falas sobre aquilo que os interlocutores denominam como “os olhares” dos outros em relação aos seus elementos religiosos, culturais e estéticos (no uso de *hijab* pelas mulheres da família) despertam desconforto e curiosidade pela diferença. As percepções dos refugiados sobre essas experiências atribuem significados aos processos de sua aceitação social, bem como maneiras de lidar com os preconceitos relacionados à xenofobia e ao estigma investido contra pessoas de origem árabe, associando suas corporeidades e expressividades ao fundamentalismo religioso e ao fenômeno do “terrorismo”. Goffman (1982) entende a produção do estigma social como formas por meio das quais a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas. Os atributos que são considerados como comuns e naturais, nesse sentido, funcionam contra aqueles sujeitos que carregam características destoantes do

padrão social, como, por exemplo, características árabes em uma sociedade ocidental. Durante uma das entrevistas, a filha de um dos interlocutores explicou que, na escola, é comum que seus colegas queiram tocar no seu *hijab*: “minhas amigas sempre querem pegar ou também vestir e brincar com ele” (filha de Halef em entrevista de novembro de 2018). As reações descritas pela menina implicaram certo desconforto inicial com a situação, mas ela explica que consegue lidar de forma tranquila com essas interações.

Durante o trabalho de campo, era comum ouvir conselhos para se tomar cuidado ao interagir com os interlocutores, pois a eles eram associadas a possibilidade de haver manuseio de bombas ou armas. Essa frase carrega fatores que demonstram o tipo de estigma e sofrimento vivido pelos refugiados de origem árabe em diferentes contextos. Tudo se passa como se a guerra fosse a geradora de desconfiança, tanto dos governos, quanto da própria sociedade. As mazelas sociais vivenciadas pelos refugiados se entrelaçam ao próprio refugiado, que busca proteção dessas mazelas (QUEIROZ, 2020). É, então, pelo processo de estigmatização que o indivíduo deixa de ser considerado criatura comum e total, sendo reduzido a uma pessoa diminuída (GOFFMAN, 1982). Para Bauman (2016), os “estranhos” provocam ansiedade e inquietação por serem “diferentes”. Por vezes, essa diferença pode representar uma realidade trágica e, em alguns casos, ameaçadora, sendo disso tida como indesejável. Nesse sentido, as histórias denotam casos de preconceito e enfrentamentos diários, que se pautam na não aceitação do outro pela percepção de diferença (QUEIROZ, 2020). Agier (2015) percebe que a exclusão configura muros invisíveis e forma grupos marginalizados, dispersos da vida em sociedade. Os campos de refugiados não precisam de delimitações físicas ou institucionais; essas delimitações acontecem na medida em que a indiferença os cerca. Os refugiados presentes na cidade são corpos que exprimem contradição à unidade social. Nesse sentido, o processo de marginalização do “estranho” ao curso da vida social é parte das fronteiras de inserção, fomentando o processo de exclusão.

Conforme Stuart Hall (2006) argumenta, a identidade e a diferença são ativamente produzidas. Longe de serem naturais, elas são criaturas sociais, culturais (HALL, 2006) e estão inseridas nas

dinâmicas das relações de poder, em processos de imposição em campos de disputa de sujeitos que estão assimetricamente situados relativa e relacionalmente. São uma disputa sobre os recursos simbólicos e materiais dentro de uma sociedade. As hierarquias identitárias, de acordo com o autor, são percebidas por três fatores principais: 1) as relações de privilégios dos sujeitos, 2) as atribuições de características positivas ou negativas 3) a visibilidade ou invisibilidade do sujeito (HALL, 2006). Esses mesmos fatores podem ser constituídos como chaves teóricas que permitem verificar os aspectos determinantes na análise de hierarquização e exclusão identitária de refugiados, uma vez que esses sujeitos estão imersos em relações de poder, gerando diferentes privilégios, privações, visibilidade, invisibilidade e atribuição de características e atributos positivos e negativos no curso da vida social.

Esses processos pelos quais se constituem as separações espaciais, políticas e identitárias vividas pelos refugiados são influenciadas por processos de classificação simbólica que concedem privilégios, através do consentimento, ou negação do sujeito enquanto parte do grupo. Essa chave de leitura é útil para compreender as experiências desses sujeitos, desde as relações nas fronteiras do Estado-nação até internamente quando se deparam com novas fronteiras sociais, culturais e políticas. Como observa Georg Simmel (1983), a sociabilidade é um jogo social, marcado por trocas e interações. A captação dos elementos necessários no processo de sociabilidade — ou seja, os componentes culturais de determinada sociedade — se articula à construção da vida social, como por exemplo, suas normas, linguagens, crenças e valores. Sendo assim, aquele que se encontra como estrangeiro a essa formação possui menos aparatos de sociabilidade (SIMMEL, 1983).

Malek explica que não saber a língua portuguesa o impossibilitava de conseguir qualquer vaga de trabalho. Ele procurou cursos, mas não tinha condições financeiras para pagar, justamente por não ter emprego. O governo brasileiro não prestou nenhuma assistência nesse sentido, ou mesmo ofereceu qualquer capacitação que permitisse o aprendizado de um ofício e a geração de uma renda inicial. Também não foi disponibilizada uma estrutura física de abrigo quando da sua chegada. Além disso, Malek encontrou muitas

dificuldades para matricular sua filha em um colégio público, por falta de vagas. A falta de amparo governamental e a de trabalho formularam uma nova situação de vulnerabilidade social, agora, no território brasileiro. Essa situação de abandono pelo Estado e de marginalização desses sujeitos pela coletividade social coloca o refugiado numa nova situação extrema, em que é preciso utilizar-se de criatividade e resiliência para o “sucesso” do empreendimento.

Certeau (1994) observa como as maneiras de fazer do cotidiano expressam uma articulação dos detalhes relacionados às relações de poder e à maneira de existir no espaço social. O autor afirma que as “maneiras de fazer” constituem formas de práticas de que os sujeitos se reapropriam, a partir dos espaços organizados pelas técnicas de produção sociocultural. O *food truck* de comida de Malek, constituído em espaço gastronômico de um bairro de classe média alta na cidade de Fortaleza, se apresenta com letras árabes destoantes das outras fachadas em português. Além disso, o som das conversas entre Halef e Malek em árabe facilmente são ouvidas ao indicarem comandas de refeições. Esses processos reconstitutivos do espaço social pelos corpos refugiados e suas expressividades — sons, letras e cultura — demonstram a manifestação do que o autor compreende como ações empregadas no cotidiano disciplinar, que perpassam características cotidianas de língua, trabalho e cultura e reúnem fundamentos microscópicos, sobretudo, formas de resistência ou reelaboração.

Halef relata sua dificuldade de encontrar emprego por conta da falta de vagas e a dificuldade com a língua portuguesa. Diante dessa situação, resolveu empreender seu próprio negócio com um sócio libanês, um carro estilo *food truck* de comida árabe. As fronteiras simbólicas culturais englobam as tensões e as incompatibilidades do viver de refugiados que desembocam em lutas reconstitutivas de existência e resistência. Se alimentar, conversar e trabalhar aparecem como processos desencaixados, como práticas então desalinhadas às suas vivências. Nesse sentido, a existência se altera na constante tentativa de encaixe. Conforme observa Giddens (2013), as estruturas sociais são pré-existentes e exteriores. Nesse sentido, a linguagem é como um elemento de submissão, sendo permeada de pensamentos e ações, fixando limites à cognição ou expandindo as capacidades praticas (GIDDENS, 2013)

As performances culturais dependem de saberes aprendidos, captados no interior do próprio sistema cultural. A reelaboração dos significados culturais, voltada ao mercado de trabalho, se mostra como um aspecto de resistência às relações de conflito e exclusão experimentadas por esses sujeitos, conforme apontam as experiências relatadas pelos nossos interlocutores. São experiências que Certeau (1994) descreveria como “práticas cotidianas” que imprimem pequenos sucessos, permanências ou impermanências. Táticas locais, que dão corpo a um organismo de luta. Os refugiados manifestam a sobrevivência, dentro da ordem ou fora da ordem, através da reelaboração dos significados culturais em meio a processos de conflito, em “táticas microscópicas”. Assim, dado o potencial gastronômico da comida árabe em Fortaleza, Halef foi capaz de traduzir as suas reservas financeiras e seu capital social na criação de um negócio no ramo alimentício, apoiado nas suas origens e nos aspectos da sua cultura, que são valorizados dentro do mercado gastronômico da cidade.

Halef explica que Fortaleza não possui muitos restaurantes de autêntica comida árabe e precisava de renda. Dessa forma, decidiu abrir seu negócio, mesmo que sua vontade fosse a de trabalhar na sua área de formação. Os refugiados são compelidos a novos contextos e precisam usar da criatividade e flexibilidade, sobretudo pelas questões da própria subsistência em sua nova sociedade. Como Halef, utilizam seu repertório de práticas sociais para se adaptarem e criarem novas soluções relativas ao trabalho e à geração de renda própria. No caso de Halef, seu empreendimento no ramo gastronômico nada tem a ver com suas formações educacionais ou experiências laborais anteriores. Ele descreve essa guinada como sua busca por um “encaixe” na sociedade em qualquer oportunidade de trabalho e renda que possa oferecer sustento.

Nas experiências dos nossos interlocutores, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho dialoga com quatro fatores principais: xenofobia, invisibilidade, sociabilidade e vulnerabilidade. Em virtude da xenofobia, esses sujeitos estão inseridos imediatamente em relações de conflito, traduzidas pelo discurso de que roubariam a vaga de trabalho e os direitos de um brasileiro. Assim, o sentimento de nacionalismo, o racismo e a xenofobia empregam

discursos de caráter segregacionista, tendo como consequência a exclusão do outro (FENTON, 2003).

A invisibilidade pode ser exemplificada no relato de Halef. Segundo ele, durante suas tentativas de encontrar um emprego, os empregadores não sabiam proceder burocraticamente para contratação de um refugiado. Assim, mesmo com todos os documentos regularizados juridicamente e tendo plenos direitos de trabalhar em território nacional, diante da mínima dificuldade burocrática, ele era descartado. A língua, a vestimenta, a estética e as manifestações religiosas, por vezes, levam à ruptura desse processo social de invisibilidade dos refugiados; contudo, ao trazerem esses sujeitos à cena social, não se traduzem em direitos ou oportunidades. Ou seja, mesmo com a obtenção de direitos e de igualdade jurídica, a sua “invisibilidade” se constitui como uma barreira à sua socialização no novo território.

A linguagem se constitui como uma ferramenta simbólica cognitiva fundamental para o processo de inserção e incorporação do refugiado à vida social. Sobre o aprendizado da língua, Halef relata: “Já saí de lá” com essa ideia, minha meta, em 1 ano e meio aprender a língua... Eu todo dia à noite aprendia 5 palavras diferentes, com 1 mês sai 150 palavras, só assim eu fui entendendo as coisas e fiz amigos brasileiros para conversar, com amigos do meu primo e nas festas...” (Halef, em entrevista realizada em setembro de 2018). É a partir da aquisição da linguagem que Halef dimensiona sua capacidade de imersão no novo mundo social que estava por vir. Ele via na aprendizagem da língua portuguesa falada no Brasil um fator determinante para adentrar as fronteiras socio-culturais no refúgio. Como observa Peters (2011), a linguagem desempenha uma correlação entre subjetividade e sociedade, em que se compartilham trocas ou ajustes de conduta. Por meio dela, “os atores conferem inteligibilidade ao mundo e intervêm sobre ele” (PETERS, 2011, p. 05). A linguagem aparece, portanto, como uma ferramenta simbólica buscada pelos refugiados para se inserirem nas organizações sociais brasileiras, como, por exemplo, a busca por emprego, a resolução de questões burocráticas relacionadas ao próprio dia a dia e a sociabilidade cotidiana. É a linguagem citada como primeiro passo a ser percorrido ou a primeira barreira encontrada, depois de se conseguir o refúgio.

Nas experiências descritas por Halef e Malek, a vulnerabilidade dos refugiados é desencadeada e potencializada pela falta de amparo e assistência governamental, fazendo com que esses sujeitos estejam em situações de abandono, sem direcionamento para a retomada de suas vidas dentro do território brasileiro. A presença do Estado nos relatos está associada tão-somente a mecanismos de controle dos fluxos migratórios, desde as fronteiras até a entrada dos refugiados nas cidades do Brasil.⁴ A busca constante por documentos e autorizações — como, por exemplo, a busca inicial de Malek do protocolo provisório de refúgio⁵ e, depois, da permissão oficial de refúgio — marca as principais interações em território brasileiro com agentes de órgãos, como a Polícia Federal.

Nos relatos de Halef e Malek, a presença do Estado se resume às solicitações de demandas burocráticas, que deixam transparecer certa falta de clareza e adequação dos processos de solicitação e concessão do refúgio. Os muitos entraves geram certa imprevisibilidade para as concessões e para o tempo de permanência desses sujeitos, sem mencionar os prejuízos diretos que dificultam o acesso a direitos básicos em território brasileiro.

Contudo, após a obtenção das autorizações procedimentais, os relatos apontam para uma situação completa de abandono e negligência por parte do Estado em ofertar apoio e assistência a esses sujeitos. Questões centrais que envolvem diretamente a sua subsistência do imigrante, tais como acessar cursos de proficiência em língua portuguesa, benefícios de assistência social, acesso à saúde, cursos de capacitação profissional, entre outros serviços, foram negligenciados nas experiências de Halef e Malek. Nas suas falas,

4 Para solicitar o refúgio no Brasil, um migrante deve agendar uma entrevista com o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão colegiado, vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, responsável pela liberação e reconhecimento da condição do migrante como refugiado no Brasil. Somente depois da análise do caso pelo Conare, o migrante é efetivamente reconhecido como refugiado. Aqueles reconhecidos como refugiados podem solicitar a Carteira de Registro Nacional Migratório, a Carteira de Trabalho e Previdência Social, um número de identificação fiscal individual (chamado de Cadastro de Pessoa Física) e um passaporte.

5 O documento identifica que a solicitação de refúgio é válida por um ano e renovável por igual período, precedendo a permissão efetiva como refugiado.

esses processos eram desconhecidos ou negados, o que reflete a ausência de ações e políticas públicas com vistas a garantir processos de inserção social aos sujeitos que chegam em busca de refúgio.

Nos relatos apresentados, o Estado evidencia um interesse em manter sob seu controle os fluxos de imigração através da regulamentação legal. No entanto, depois que protocolizados ou regulamentados, os refugiados adentram o território à mercê de um conjunto de vulnerabilidades. A interação com as instituições relacionadas à migração é sentida pelos refugiados somente diante das relações legais. Logo depois, eles demonstram que vivem em abandono, sem amparo ou políticas de inserção social. Eles contam somente com seus esforços, somados à ajuda de outros refugiados no território e aos cuidados assistenciais de organizações da sociedade civil. Na ausência de políticas públicas, os interlocutores destacam ações desenvolvidas pela Pastoral do Migrante, uma ação da Igreja Católica, como única ajuda externa que recebem, com eventos, oficinas, alimentação, confecção de currículos, indicação de vagas de trabalho e abrigos voltados aos refugiados na cidade de Fortaleza. Além dela, foram mencionadas igrejas evangélicas que também possuem ações internas voltadas a pessoas necessitadas em geral.

A exclusão do refugiado do mercado de trabalho é somente uma das consequências de um processo de apartação maior. Em outras palavras, os fatores apresentados se referem a relações sociais mais amplas e anteriores ao próprio refúgio. As fronteiras simbólicas, nesse sentido, estabelecem limites de forma mais intensa que os próprios limites geográficos. Assim, as relações dos refugiados com os limites entre culturas reformulam barreiras cotidianas, que perpassam categorias antropológicas do viver e da própria condição humana. Nesse sentido, ao tentarem adentrar no fluxo da vida cotidiana, buscando inserção no mercado de trabalho, por exemplo, esses sujeitos sentem o processo de resistência social, marcado por formas de violência simbólica características da xenofobia. A insensibilidade cotidiana para com a sua existência e o sofrimento desses sujeitos em território nacional são reforçados pelo próprio modo de atuação do Estado brasileiro neste processo.

4 Considerações finais

Os refugiados estão inseridos em contextos relacionados a conflito e vulnerabilidades sociais, que se apresentam de forma pluralizada e complexa. Além do Estado, diversos atores sociais estão inseridos nesse contexto, de forma que esses sujeitos se relacionam com dinâmicas voltadas à sobrevivência, em que as fronteiras aparecem como dimensões territoriais e simbólicas inerentes a esse processo.

A busca por um local de proteção se relaciona com a soberania de outras nações e suas fronteiras territoriais e culturais. Esse relacionamento se volta à necessidade de acesso a recursos como educação, emprego, alimentação, água e segurança. Dessa forma, dialogam com estruturas sociais de outras sociedades. Esses sujeitos, ao se tornarem refugiados no Brasil, acabam sendo inseridos em problemáticas presentes na sociedade brasileira, como desemprego, racismo e xenofobia, além da falta de amparo governamental.

Eles precisam se desdobrar em ações inventivas, reelaborando suas experiências e práticas para garantir a sua sobrevivência, nas relações do mercado de trabalho, educacionais, linguísticas e sociais. Nesse sentido, estabelecem novas formas de sociabilidade através de redes de contato entre sírios, para o fortalecimento da transmissão de informações, assim como se reinventam nas suas formas de trabalho, na busca por qualquer vaga ou ofício que possa lhes proporcionar sustento, mesmo que esta não tenha relação com suas formações educacionais e experiências profissionais anteriores.

A linguagem é citada como primeiro passo e primeira barreira depois de se conseguir o refúgio, ou um primeiro instrumento de integração social. A questão étnico-cultural aparece como reveladora de fronteiras sociais. Ser árabe e refugiado no Brasil perpassa categorias de exclusão social, pois se relaciona com processos xenofóbicos na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. Do refúgio nasce o gueto. In: BIRMAN, P. *et al.* **Dispositivos urbanos e tramas dos viventes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. p. 33 - 55.
- BAUMAN, Z. **Estranhos a nossa porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.
- BAZZICALUPO, L. **Biopolítica**: Un Mapa Conceptual. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2016.
- CAVALCANTI, L. *et al.* **Refúgio em Números**. 6. ed. Brasília: Observatório das Migrações Internacionais, 2021.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DI CESARE, D. **Estrangeiros residentes**: Uma filosofia da migração. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.
- DOMINGOS NETO, M.; MARTINS, M. D. Significados do nacionalismo e do internacionalismo. **Tensões Mundiais**, v. 02, n. 02, p. 80 – 111, 2018.
- FENTON, S. **Etnicidad**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- FERNANDES, F. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.
- “FIQUEI petrificada”, diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto. **GI**, [online], 03 set. 2015. Mundo.
- GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da antropologia transacional. **Mana**, v. 03, n. 01, p. 07 – 39, 1997.
- OPERATIONAL data portal refugee situations. **UNHCR**, [online], 07 set. 2021. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/es/situations/platform>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- PAIVA, O. da C. Refugiados da II Guerra Mundial e os Direitos Humanos. **Diversitas**, [online], 2006.
- PETERS, G. Admirável senso comum: Agência e estrutura na sociologia fenomenológica. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 01, p. 85 – 97, 2011.

QUEIROZ, T. H. M. D. **Refugiados sírios em Fortaleza**: entre guerra, lei e fronteiras. Trabalho de Conclusão de Curso — Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

RIBEIRO, G. Refugiados venezuelanos vivem em condições sub-humanas em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, [online], 22 mai. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/refugiados-venezuelanos-vivem-em-condicoes-sub-humanas-em-fortaleza-1.2102134>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SCHOSSLER, A. Entenda o conflito em Ghouta Oriental. **Deutsch Weller Brasil**, [online], 01 mar. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/entenda-o-conflito-em-ghouta-oriental/a-42790996>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SIMMEL, Georg: **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg: "Sociologia Do espaço". *Estudos Avançados* 27 (79):75-112. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68704>, 2013.

VULNERABILIDADE, violência, imigrantes e refugiados na pandemia brasileira. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [online], 7 ago. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/vulnerabilidade-e-violencia-imigrantes-e-refugiados-na-pandemia-brasileira/>. Acesso em: 10 jan. 2023.